



## MÉXICO

# O poder nas mãos da primeira mulher

As maiores eleições da história do país serão decididas entre a ex-prefeita da capital Claudia Sheinbaum e a senadora indígena Xóchitl Gálvez. Nova presidente terá o desafio de combater o narcotráfico em uma nação refém da violência

» RODRIGO CRAVEIRO

Rodrigo Oropeza/AFP



Claudia Sheinbaum tira fotos com eleitores, durante encerramento de campanha, na Cidade do México: "Neste 2 de junho, vamos fazer história"

A história está feita, mesmo antes de 100 milhões de mexicanos escolherem, nas urnas, quem comandará o país pelos próximos seis anos. Nas maiores — e mais violentas — eleições de sua história, o México conduzirá, neste domingo, a primeira mulher ao gabinete presidencial do Palácio Nacional, no Zócalo, o centro do poder situado no coração da Cidade do México. Além da chefia do Estado, estarão em disputa 20 mil cargos públicos, incluindo o Congresso e nove dos 32 governadores, além de prefeitos.

A votação transcorre em um clima de insegurança e medo. Na última quarta-feira, Jose Alfredo Cabrera Barrientos, 38 anos, candidato à Prefeitura de Coyuca de Benítez, no departamento (estado) de Guerrero, foi executado em plena luz do dia, durante um comício. Ele foi o 24º candidato assassinado desde o início da campanha, em setembro passado. Ontem, as autoridades suspenderam as eleições gerais nos municípios de Pantelhó e Chicomuselo, em Chiapas, no sudeste do país, após atos violentos que impediram a instalação de cabines de votação.

Aos 61 anos, a física e ex-prefeita da capital Claudia Sheinbaum, candidata do partido governista Morena, lidera as pesquisas, apoiada pelo presidente Andrés Manuel López Obrador. Enquanto Sheinbaum aparecia com 53% de apoio, a senadora indígena de centro-direita Xóchitl Gálvez, 61, tem 36% das intenções de voto. Caso as sondagens se confirmem e Sheinbaum vença hoje, encontrará inúmeros desafios à frente da segunda maior economia da América Latina.

Há 18 anos, o México enfrenta grave onda de violência, com mais de 350 mil assassinatos — uma média de 54 mortos por dia. As eleições presidenciais mexicanas têm tido um único e são decidi-

das por maioria simples. Ao encerrar a campanha, a candidata de origem judaica assegurou: "Neste 2 de junho, vamos fazer história; a transformação continuará avançando".

Professor e pesquisador do Colégio da Fronteira Norte (instituição que estuda temas de violência e insegurança pública, em Tijuana), Vicente Sánchez Munguía explicou ao **Correio** que as pesquisas têm sido desacreditadas nos últimos anos. "Muitas pessoas mostram-se reticentes em manifestar sua verdadeira intenção. Não se descarta um voto oculto ou uma decisão de última hora para votar por um candidato distinto", afirmou. "Se as sondagens estiverem certas, Claudia

Sheinbaum será a ganhadora. Quem quer que seja eleita, terá o desafio de lidar com a insegurança a curto prazo. Além dos assassinatos cometidos pelo crime organizado, temos casos de extorsão e um número muito elevado de pessoas desaparecidas. Há uma falha da polícia e do Ministério Público, que não investigam."

No campo econômico, Munguía disse que as relações entre México e EUA estariam à espera das eleições norte-americanas, em 5 de novembro. Ele entende que o eventual retorno do magnata republicano Donald Trump à Casa Branca pode complicar as trocas entre os vizinhos. "Também temos uma agenda calçada na imigração, na fronteira e na soberania sobre as águas da região fron-

teira, além da gestão hídrica no México, da necessidade de desenvolver a infraestrutura nas cidades e dos constantes apagões registrados no país", disse o estuioso de Tijuana. Munguía também citou o desinvestimento na área de saúde, principalmente no fornecimento de medicamentos, e a alta taxa de informalidade da economia, de cerca de 53%.

Javier Posada, coordenador do Seminário de Segurança Nacional da Universidade Nacional do México (Unam), admite que as pesquisas dão uma importante vantagem a Sheinbaum. No entanto, ele lembrou que, nos últimos dias, as sondagens foram submetidas a alguns ajustes. "O que parecia uma diferença enorme entre as duas candidatas foi reduzida, fomentando um ambiente de incerteza. A prin-

cipal vantagem dela é ser uma absoluta continuação do governo de López Obrador. Outro ponto é que Claudia tem um perfil político. Foi prefeita de Tlalpan (2015 a 2017), no sul da Cidade de México, e da própria capital, entre 2018 e 2023.

### Falsos homossexuais

A reta final da campanha foi marcada por um escândalo. Dezenas de candidatos foram considerados inabilitados para disputar o pleito, sob a acusação de falta de representação de sua orientação sexual e identidade de gênero. Falsos candidatos trans, gays e lésbicas registraram-se como LGBTQIAP+ para cumprirem as cotas exigidas aos partidos nas eleições de hoje, segundo denúncias.

### Eu acho...

Arquivo pessoal



"Claudia Sheinbaum tem uma formação acadêmica importante, é muito disciplinada e não há dúvidas sobre sua capacidade e administração na gestão pública. A crítica principal diz respeito à submissão ao presidente Andrés Manuel López Obrador. A dúvida é se ela será capaz de se desligar dessa relação e investigar escândalos com o envolvimento de familiares de AMLO em atos de corrupção."

Vicente Sánchez Munguía, professor da Colégio da Fronteira Norte (em Tijuana)

Arquivo pessoal



"O fato de a primeira mulher chegar à Presidência da República, desde a independência do México, é uma boa notícia. O México é uma nação machista, onde se assassina, em média, 10 mulheres por dia. Esperamos que a próxima presidente do país reverta essa conduta agressiva e assassina. Serão muito interessantes as relações com as Forças Armadas."

Javier Posada, coordenador do Seminário de Segurança Nacional da Universidade Nacional do México (Unam)

"Tem acontecido muitos casos, pessoas heterossexuais que têm ocupado cargos na comunidade (LGBTQIAP+) que não lhes pertencem, em cargos que não são para eles", afirmou à agência France-Presse (AFP) Yvonne Tena Calderon, uma mulher trans de 30 anos, em Merelia, capital do estado de Michoacán (oeste).

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

## ELEIÇÃO E RELIGIÃO NA ÍNDIA

Depois de 44 dias de votação, uma pinta roxa de nitrato de prata na unha de quem já votou e 969 milhões de eleitores aptos a comparecer às urnas, terminou, ontem, na Índia, a maior eleição do mundo.

Chhatrapati Shivaji é o segundo aeroporto mais movimentado do país. Localizado no suburbano bairro de Santa Cruz, o aeroporto serve à cidade de Mumbai. O nome Santa Cruz é uma reminiscência do controle português sobre a Ilha de Salsete, local da megacidade de Mumbai. A referência a Chhatrapati Shivaji é parte dos esforços de valorização dos heróis da história indiana. Afinal, Shivaji é um monarca venerado por fundar um estado hindu numa Índia domina-

da por um império islâmico.

Quando, muitas décadas depois, o aeroporto passou a se chamar Chhatrapati Shivaji, a Índia entrava na fase de crescente afirmação de suas raízes culturais. Atualmente, planeja-se erguer numa ilha do mar Arábico, em homenagem a Shivaji, a maior estátua do mundo. São muitos os simbolismos que movem a Índia atualmente.

A fase de crescente afirmação de suas raízes culturais, ao mesmo tempo, influenciou e foi influenciada pela ascensão do Bharatiya Janata Party (BJP), o Partido do Povo Indiano, ao poder. Percurso que se solidificou quando Narendra Modi assumiu o controle do BJP e se tornou primeiro-minis-

tro do país em 2014. Passada uma década no poder, Modi acaba de disputar outra vez a eleição que, certamente, o reconfirmará como premiê. O resultado sairá nos próximos dias e a grande dúvida é se o BJP aumentará ainda mais seu domínio sobre o parlamento indiano, ou se os eleitores introduzirão alguma moderação a esse controle.

A diferença, hoje, para a oposição é tão grande que o maior partido que não faz sustentação ao governo Modi não chega a ter nem 10% das cadeiras da Lok Sabha (a Câmara do Povo), o órgão legislativo que define quem será o primeiro-ministro. Isso faz com que o Partido do Congresso, uma agremiação mais secular e de importância histórica, com o segundo maior número de parlamentares, não possa, pela legislação indiana, nem mesmo se constituir como líder formal da oposição.

Em seu percurso para estabelecer sua visão de uma

Índia desenvolvida, Modi gosta de se comparar com Shivaji. E essa é apenas uma das várias alegorias usadas por Modi nessa maneira ultranacionalista de governar encampada pelo seu BJP. Seu nacionalismo, misturado com religiosidade hindu é a maior habilidade que emprega para liderar o rol do gênero demagogo-populista de sucesso que tomou conta da política mundial.

O BJP se tornou uma máquina de vencer eleições ancorada na sua relação umbilical com o Rashtriya Swayamsevak Sangh (RSS) — uma entidade civil sui generis dedicada à construção de uma pátria hindu a partir da mobilização de base. A busca por implantar sua cosmovisão sobre todo o território indiano é perseguida metodicamente pelo RSS, uma organização composta por homens e que tem conseguido tratorar o processo político indiano. Com o BJP

no poder, a mobilização, agora, é de cima para baixo também. BJP mais RSS, juntos, são uma máquina de manter o poder.

Na constante busca de suas simbologias, as duas organizações implantaram Modi em Varanasi para concorrer à eleição de 2014 de deputado federal, sua primeira eleição para um cargo nacional e que já o levou ao posto de primeiro-ministro. Vindo de quase 1.500 quilômetros dali, Modi estabeleceu Varanasi como seu reduto eleitoral desde então.

O município, também chamado afetuosamente de Kashi, ou "a iluminada", é o principal centro de romarias do hinduísmo e sua cidade mais sagrada. Entre as benfeitorias que Modi entrega a Varanasi, destacam-se as obras de melhorias dos templos hindus. São literalmente milhares de templos espalhados pela mística cidade. Há, inclusive, o característico caso de uma mesquita

da cidade — a qual conta com cerca de 20% de população muçulmana — que foi recentemente obrigada pela Justiça a permitir a celebração de rituais hindus em seu interior. Um testemunho da forma como a cosmovisão de BJP e RSS vai sendo espalhada e consolidada.

Nessa última semana, Varanasi chegou a 48 graus de calor. Um dos mais pitorescos lugares para se visitar na Índia, a cidade não aconselha que os turistas estrangeiros venham entre maio e junho, meses mais quentes. É, no entanto, um período de importantes festas religiosas e, este ano, de eleições. Uma mistura que apetece sobremaneira ao talento da imaginação de Modi, esse líder nacionalista que se apresenta como uma mistura de figura religiosa com a de um vigoroso político comprometido com a afirmação da grandeza indiana.

PAULO DELGADO é sociólogo